Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

O Filme da Escola: A ESTC no Coração do Cinema Português

Filmes da Escola – Sessão "Canções da Terra"

19 de julho de 2023

SESSÃO "CANÇÕES DA TERRA"

PORTALEGRE / 1989

Um filme de Carla Bogalheiro

Realização: Carla Bogalheiro / **Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (produzido por alunos do 3º ano do Curso de Cinema) / **Diretores de Produção:** António Lopes, Francisco Villa-Lobos, João Montalverne, João Fonseca, Paulo Barbosa / **Direção de Fotografia:** Nuno Matos, Rui Trigueiros / **Direção de Som:** Pedro Godinho, António Pires / **Montagem:** Carla Bogalheiro, Ilda Castro, Luís Amaro, Elisabete Carlos / **Interpretações:** Dina Lopes, Augusto Guilherme, Jorge Belchior / **Cópia:** 16mm a cores, som magnético em *dual band*, falado em português, sem legendas / **Duração:** 9 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

FORA DA BOUÇA / 2021

Um filme de Mário Veloso

Realização, Direção de Fotografia, Captação de Som: Mário Veloso / **Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (produzido no âmbito da cadeira de Laboratório Experimental) / **Montagem:** Bruno Saraiva / **Mistura de Som:** Miguel Coelho / **Cor:** Bruno Reis Oliveira / **Com a participação de:** Catarina Monteiro, Catarina Cunha Ferreira / **Cópia:** Ficheiro digital a cores, falado em português, sem legendas / **Duração:** 12 minutos / **Estreia Mundial:** Festival DocLisboa, 28 outubro 2021 (Secção Verdes Anos) / Primeira apresentação na Cinemateca.

OS PASTORES / 2012

Um filme de Margarida Meneses

Realização: Margarida Meneses / **Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (produzido por alunos do 2º ano no âmbito da cadeira de Seminário de Produção de Filmes IV) / **Diretor de Produção:** Pedro Bravo / **Direção de Fotografia:** Sara Marques Moita / **Direção de Som:** Maria Archer / **Montagem:** Flávio Gonçalves e Margarida Meneses / **Cópia:** Ficheiro digital a cores, falado em português, sem legendas / **Duração:** 15 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

EM CASO DE FOGO / 2019

Um filme de Tomás Paula Marques

Realização: Tomás Paula Marques / **Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (produzido por alunos de 3º ano do Curso de Cinema) / **Direção de Produção:** Milene Coroado / **Argumento:** Felipe Fernandes, Francisco Sampaio / **Direção de Fotografia:** Leonor Coelho / **Diretores de Som:** Alexandre Franco, Diana Neto / **Montagem e Mistura de Som:** Alexandre Franco / **Interpretações:** Chico (Hugo Leitão), Miranda (Duarte Lopes), Ricardo (Hugo Carvalho), Helena (Carolina Ferreira), Márcia (Constança Rosa), Mateus (Pedro Batista) / **Cópia:** Ficheiro digital a cores, falado em português, sem legendas / **Duração:** 23 minutos / Prémios: Vencedor na secção Nest Film Students, na 67ª edição do festival de cinema de San Sebastian / **Estreia Mundial:** IndieLisboa, 3 maio 2019 / Primeira apresentação na Cinemateca.

AS FLORES DO MAL / 2013

Um filme de Flávio Gonçalves

Realização e Argumento: Flávio Gonçalves / **Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (produzido no âmbito da cadeira de Laboratório Experimental, sob tutoria do professor João Lopes) / **Diretor de Produção:** Nuno Galopim / **Montagem:** Flávio Gonçalves e Marcelo Pereira / **Música:** Francisco Soares / **Interpretações:** Francisco Soares, Carlos Barahona Possollo, Bruno Rosa, João Valério, Joana Emídio Marques, Domingos Galopim de Carvalho / **Cópia:** Ficheiro digital a cores, falado em português com legendas em inglês / **Duração:** 18 minutos / **Estreia Mundial:** QueerLisboa, 28 setembro 2013 / Primeira apresentação na Cinemateca.

MARGENS / 1995

Um filme de Pedro Sena Nunes

Realização: Pedro Sena Nunes / **Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (filmado no âmbito do 1º curso Europeu de Realização em Documentário "Visions 94/95") / **Diretor de Produção:** Pedro Sena Nunes / **Chefe de Produção:** Susana Madeira **/ Direção de Fotografia:** Paulo Ares / **Som:** Emídio Buchinho / **Montagem:** Paulo Belém / **Cópia:** 16mm, colorida, falada em português, sem legendas / **Duração:** 29 minutos / **Estreia Mundial:** Festival IDFA em Amesterdão, 1995 / **Primeira exibição na Cinemateca:** 1996 ("Sessão Especial: filmes de alunos do Departamento de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema").

Com a presença de Mário Veloso, Flávio Gonçalves e Pedro Sena Nunes.

Partindo do mote dado por Jorge Brum do Canto, na sua já octogenária **Canção da Terra**, a presente sessão desdobra-se em visões da ruralidade, presas nas margens (passando o pleonasmo da curta de Pedro Sena Nunes) que fundem um rio de isolamento – por um lado, o campo é signo de um passado inatingível, proustiano na sua impossível recuperação, como, por outro, é espelho de não-correspondências, amores por revelar, cartas não entregues.

Em **Portalegre** de Carla Bogalheiro (que conta com a produção de Francisco Villa-Lobos em último ano de faculdade, um ano antes de figurar como assistente de realização em **"Non" ou a Vã Glória de Mandar** de Manoel de Oliveira, ou anos antes de se afiliar à produção de **Um Quarto de Vanda** ou **Juventude em Marcha** de Pedro Costa), a alienação de um casal é espelhada na paisagem ríspida, a fazer-se inóspita, do Alentejo serrano, onde o nome desta capital de distrito (poderíamos presumir erradamente, pelo título, um documentário etnográfico) parece servir apenas como um cenário, sem referentes concretos ao lugar a que remete (temos a paisagem alentejana, mas o filme poderia passar-se em qualquer noutro lugar desta região), à parte da assumida distância. O exercício é simples, limitado nos seus meios (o filme termina numa suspensão pouco clara, como se algo tivesse ficado por dizer, o que, intencionalmente ou não, acaba por reforçar a desafeição das personagens), mas isolado no percurso fílmico de Carla Bogalheiro, compondo a sua única incursão na realização; pouco mais tarde, veio a dedicar-se quase exclusivamente à montagem, colaborando com nomes como João Botelho ou João César Monteiro (é de notar que, no mesmo ano deste **Portalegre,** terá participado enquanto assistente de montagem no marcante **Recordações da Casa Amarela**).

Aqui, **Portalegre** introduz a desconexão romântica que caracterizará parte da sessão. Mostra-se, ainda assim, distante da hipnose seguinte de **Fora da Bouça** - deslocamento assumido não só no salto temporal de 32 anos, como na abordagem declaradamente simbólica, impressionista, abstrata – que parte de uma canção popular minhota para recuperar um passado perdido pela personagem que canta (de quem nunca vemos o rosto), mas que a abordagem do realizador não tenta reencenar; há a consciência do tempo que partiu, visto através dos espelhos, da estranheza dos objetos dispostos, como se se procurassem enquadrar num espaço já impossível. As figuras humanas camuflam-se em planos aproximados de imagens de arquivo, ou nas mãos endurecidas que balançam um terço entre

os dedos, permitindo-se, apenas, instantes. O olhar de Mário Veloso é cirurgicamente controlado (a minimalidade dos gestos revela a sua intencionalidade, com todo o objeto a justificar a razão da sua existência, como se o realizador quisesse apreender todos os sentidos possíveis que o filme possa conter), espelhando o bucolismo poético, sensitivo que caracteriza também **Rio Torto**, a sua primeira curta-metragem, denunciadora de preocupações semelhantes: o legado de uma geração rural, passada, esquecida pelos outros, e aos poucos, por si própria.

É num tom semelhante que alcançamos **Os Pastores** de Margarida Meneses, onde uma *voz-off* nos guia pela história da sua bisavó que terá acolhido, por tempos, em sua casa, os três pastorinhos de Fátima. A dada altura conta-nos, perante essa habitação vazia e a ausência de uma banda sonora: "Tudo silêncio. A única pessoa que cá volta sou eu. O passado ficou por aqui". Com o nome de Flávio Gonçalves a figurar na ficha técnica do filme, sendo aqui responsável, num processo conjunto com a realizadora, pela montagem (área técnica que se verifica como núcleo agregador de vários realizadorxs representados nesta seleção de curtas), anuncia-se o retorno da sessão ao seu ponto de partida, passando do campo como veículo de uma ausência (ou salientando essa "desconexão" de um quotidiano citadino, tido como normativo, através de ecos de intimidade que refletem implicações históricas e paisagísticas) para estrutura romanticamente opressiva, dando o salto – ou atravessando a margem – até à impossibilidade amorosa anunciada em **Portalegre**.

É, portanto, de Flávio Gonçalves, o drama queer **As Flores do Mal**, mas, antes dele, é com **Em Caso de Fogo** que nos deparamos, através de uma *voz-off* (outra) que anuncia um tom documental que não se concretiza – estabelece uma passagem que remete, por um lado à abordagem das duas últimas curtas que vimos, mas anunciando, aqui, um contexto para a ficção, para ser depois deixada em suspenso (sempre a suspensão, o instante, o murmúrio do vento sobre as árvores); é de um incêndio que fala esta voz, despoletado por um ato de desespero. Lembramo-nos do impulso final de **Os Verdes Anos**, sem a catarse; no entanto, mais correto, será trazer **O Fantasma** de João Pedro Rodrigues (Tomás Paula Marques terá, aliás, trabalhado como montadora na recoleção de **Où En Êtes-Vous, João Pedro Rodrigues?**), onde se anunciam referentes semelhantes: a animalidade do cão, referente sexual para uma pulsão que, contrariamente há já assumida proximidade de Sérgio desde o início da primeira longa de Rodrigues, a personagem de Chico teima em tentar esconder; olhe-se também a caça, como símbolo de uma masculinidade que permite o deslocamento da personagem (ainda que, no sentido figurado da palavra – ir à caça como ir à procura de alguém - funde nela o perigo do seu desejo e impotência), ou a espingarda, violenta, mortífera, e simultaneamente fálica.

Ao passar-se desta escondida tragédia (e é pertinente como a estruturação da narrativa se parece reprimir à luz da personagem) de Tomás Paula Marques, realizadora que neste ano de 2023 veio a vencer a Competição Nacional do festival IndieLisboa com a híbrida **Dildotectónica**, chegamos às **Flores do Mal**, herdadas do livro de Baudelaire. O filme, de *mise-en-scène* cautelosa – o segundo plano geral, de extensa duração, compõe-se como um cenário onde se desdobram as ações das personagens, distribuídas num rigor obsessivo que quer apreender todos os seus gestos, como se de uma "grande pintura" se tratasse - retorce as expectativas que vamos elaborando acerca das personagens na sua curta duração; em sinais de uma aparente masculinidade tóxica (dois homens que lutam), sublinhando o desenquadramento do protagonista (apático, apenas assiste) revelam-se sinais de afeto; há uma contradição latente, uma reversão louca, claustrofóbica (que lembra, aliás, **Kynodontas** do grego Yorgos Lathimos, realizado quatro anos antes e que veio a vencer o prémio de melhor filme no LEFFEST de 2009) mas é na destruição do jardim – belo, voluptuoso, mas fechado num plano picado – que se revela a catarse, a irrealização sexual como signo de um paraíso perdido, deixado a lama e terra. Porque, aqui, esta "terra" que se anuncia (por um lado paisagem rural, signo de distância, por outro, espelho da louca sujidade em que o protagonista mergulha, finalmente, sem pudor) caminha sempre até ao fatalismo, à tensão que se constrói esperando o momento da sua destruição – paisagem tenebrosamente romântica (agora, no seu sentido estético oitocentista).

Restam **Margens** de Pedro Sena Nunes (que, anos depois deste filme, passou na Escola Superior de Teatro e Cinema enquanto professor convidado) onde reencontramos o documentário, que perdemos ao princípio de **Em Caso de Fogo**. Sobre ele, transcrevo o que escreveu Luís Miguel Oliveira, em 1999, numa folha da Cinemateca: "Há um ou dois aspectos presentes em **Margens** que (além dos seus valores intrínsecos e da sua justeza enquanto retrato de uma comunidade, de uma aldeia e, mesmo, de um país) merecem ser salientados. Em primeiro lugar a força com se fazem sentir os temas do isolamento e da morte, relativamente inesperados num filme com estas características, e que indiciam com alguma clareza que, por esta altura, Pedro Sena Nunes já estava interessado em ir um

pouco para lá da observação sociológica, procurando “forçar” o real de modo a fazê-lo reflectir outros ecos e outras dimensões menos figuráveis. Depois, o breve, mas significativo momento em que as palavras de Ferreira do Amaral surgem dessíncronas em relação ao movimento dos seus lábios. Para além das evidentes conotações políticas, o que esse gesto revela é já a percepção de que, mesmo num dispositivo claramente documental, o cinema continua a poder “desnaturalizar” o real, eventualmente como caminho para melhor o revelar. No futuro, essa momentânea dessicronia tomaria conta dos filmes de Pedra Sena Nunes.”

Na pluralidade de gestos convocados ao longo destas 6 curtas-metragens, seria fácil percecionar esta sessão através da “dessincronia” sumariada neste **Margens**. No entanto, entre a ficção e o documentário há, em todos estes filmes, um céu que nubla; a paisagem é sempre signo de um passado, ligado a um domínio empírico – da presença, da sensação, da identidade (e é aqui que esta “terra”, face às curtas de Tomás Paula Marques e Flávio Gonçalves se transcende, convertendo-a, não só a uma especificidade local, mas à lassidão do lugar seguro, mínimo, raiz de uma afirmação individual, do “assentar dos pés” a partir da qual se pode partir); ainda que o passado proporcionado por estes filmes não traga, necessariamente, um tom de saudosismo, ou uma qualquer fetichização da ruralidade – a memória evocada parte quase sempre da “primeira pessoa”, indiciando a intimidade que se alia ao arrependimento, a inevitabilidade do tempo que permitiu a ausência, ou, outras vezes, caminhando mesmo até ao domínio do onírico – é em face da globalização, da ansiedade quotidiana, ou até do estranho deslocamento (como este) que permite a nossa inserção noutra realidade, filmada, através do escuro da sala de cinema, que se revela aqui um desejo da experiência (e, consequentemente, a sua dificuldade, de que o cinema é, sempre, memória), do campo como signo de uma sensibilidade perdida, quer pelo infeliz esquecimento das suas histórias e rituais, como pelo trágico aprisionamento que proporciona. Nesse sentido, o campo (ou “a terra”) atribui-se como veículo de uma contradição: por um lado, quer que lhe resgatem a identidade, como, por outro, oprime a formação de outras. Ao impasse passivo-agressivo, revela-se-lhe o núcleo, o rio (sinónimo de vida): isolamento.

Na sala de cinema, mesmo que nos esqueçamos momentaneamente do quotidiano, a nossa solidão é despedaçada ao acender das luzes – paradoxalmente é aí que, de facto, voltamos a terra. O elo de união entre estes filmes reside nesse oposto: o isolamento vivido (que se quer vívido), tanto nas suas circunstâncias geográficas como psicológicas. No fundo, vemo-los como obras de resgate: os documentários filmam histórias para que não sejam esquecidas, e as ficções querem exteriorizar solidões, introversões, faltas de comunicação (de conclusões fatais).

Em **Margens**, um idoso olha, contemplativo, as paisagens do Douro Montanhoso, durante a sua viagem de comboio. Não há ali indícios de casas – e as que aparecem estão abandonadas. Notemos os locais, cenários escolhidos para a realização destes filmes (pelo menos, os que conseguimos situar), sempre extremados, liminares, o mais distanciados possível da normatividade do quotidiano – Carla Bogalheiro vai ao Alto Alentejo, Mário Veloso (pela canção que resgata) aponta ao Alto Minho, Margarida Meneses chega a Reixida em Leiria, e Pedro Sena Nunes olha para Trás-os-Montes. Também quando Brum do Canto filmou Porto Santo, a ilha era um pedaço de terra “longe, muito longe da civilizada e dinâmica Lisboa moderna”. Ainda que a estereotipização do tom tenha (felizmente) desaparecido, apesar dos esforços vamos continuando, por aqui, na mesma cidade.

Miguel Pinto